Douglas Junior
Valéria Leão
Pacary Pataxó

Eu Posso Falar Por Mim Mesmo

1ª Edição

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

2023

Índice

Histórico.....04

Introdução.....06

Entrevista.....08

Grafismos.....33

Índice de Imagens.....34

Pataxós

Estão localizados no extremo sul do Estado da Bahia em 36 aldeias distribuídas em seis Terras Indígenas, *Águas Belas, Aldeia Velha, Barra Velha, Imbiriba, Coroa Vermelha e Mata Medonha*. E no norte de Minas Gerais em sete comunidades, *Imbiruçu, Retirinho, Alto das Posses, Muã Mimatxí, Jundiba, Cinta Velha e Jeru Tukumã.* Com o triste episódio do "Fogo de 51" onde a aldeia Barra Velha teve suas casas incendiadas, surgiram as comunidades de Minas Gerais.

Sua língua é a Patxohã - "Língua de Guerreiro" - porém, sua comunicação não é feita a rigor por ela, mas sim através do português mesclado com vocábulos da língua indígena. Os Pataxós têm se esforçado para avivar sua língua por conter informações sobre danças, canções indígenas; os processos históricos vivenciados por eles, particularmente no sul da Bahia; e a identidade indígena presente. Existem indícios de que a aldeia de Barra Velha existe há quase dois séculos, desde 1767, e que o contato com os não índios desde o século XVI, além de os obrigarem por muitas vezes a esconderem seus costumes, ocasionou esse distanciamento da sua língua original.

Introdução

Em setembro de 2022, foi realizada uma entrevista com o indígena Pacary Pataxó para a disciplina de Antropologia, vindo da Bahia em 2007, atualmente reside na Aldeia Vertical no bairro do Estácio no Rio de Janeiro. Ele comercializa seus artesanatos e divulga sua arte em pintura de grafismos em feiras, eventos e faz palestras em escolas, levando aos jovens seus saberes indígenas. Durante a entrevista, Pacary afirma o seu desejo de falar diretamente ao público, sem intermediário, sobre a sua cultura milenar.

O objetivo, deste trabalho, é conhecer um pouco da cultura da etnia Pataxó através de seu próprio relato e saber como eles estão inseridos dentro do meio artístico.

Este trabalho foi realizado por Douglas Júnior e Valéria Leão para as Graduações em Licenciatura em Artes Visuais e História da Arte na UERJ.

Fig 01

Valéria - Como surgiu sua arte indígena Pataxó e como tem sido passada aos seus descendentes?

Pacary - Na verdade a nossa arte é um conhecimento milenar, ela é passada de geração para geração. São conhecimentos tradicionais que a gente aprende desde a infância acompanhando o dia a dia dos anciãos que são os nossos avós, nossos tataravós e os nossos pais.

Valéria - O fazer artístico é como um ritual onde uma peça ao ser confeccionada tem que seguir uma tradição, ou seja, tem que ser feita sempre da mesma forma e do mesmo jeito? Ou sabendo-se a técnica é permitido usar a criatividade e não seguir um padrão?

Pacary - Não precisa seguir os mesmos traços, o mesmo modelo, cada vez que a gente vai aprendendo outras técnicas a gente pode mudar o formato dos nossos artesanatos, não precisa seguir uma só linhagem, podemos modificar o estilo.

Fig 02

Valéria - O que esse conhecimento passado representa para você? E como você faz para mantê-lo vivo?

Pacary - Sempre procuramos levar a nossa cultura através da arte, porque é uma forma de mostrar que o indígena esta vivo, que ele existe através do grafismo, dos traços dos artesanatos, da colheita de sementes... É dessa forma que mostramos para a sociedade.

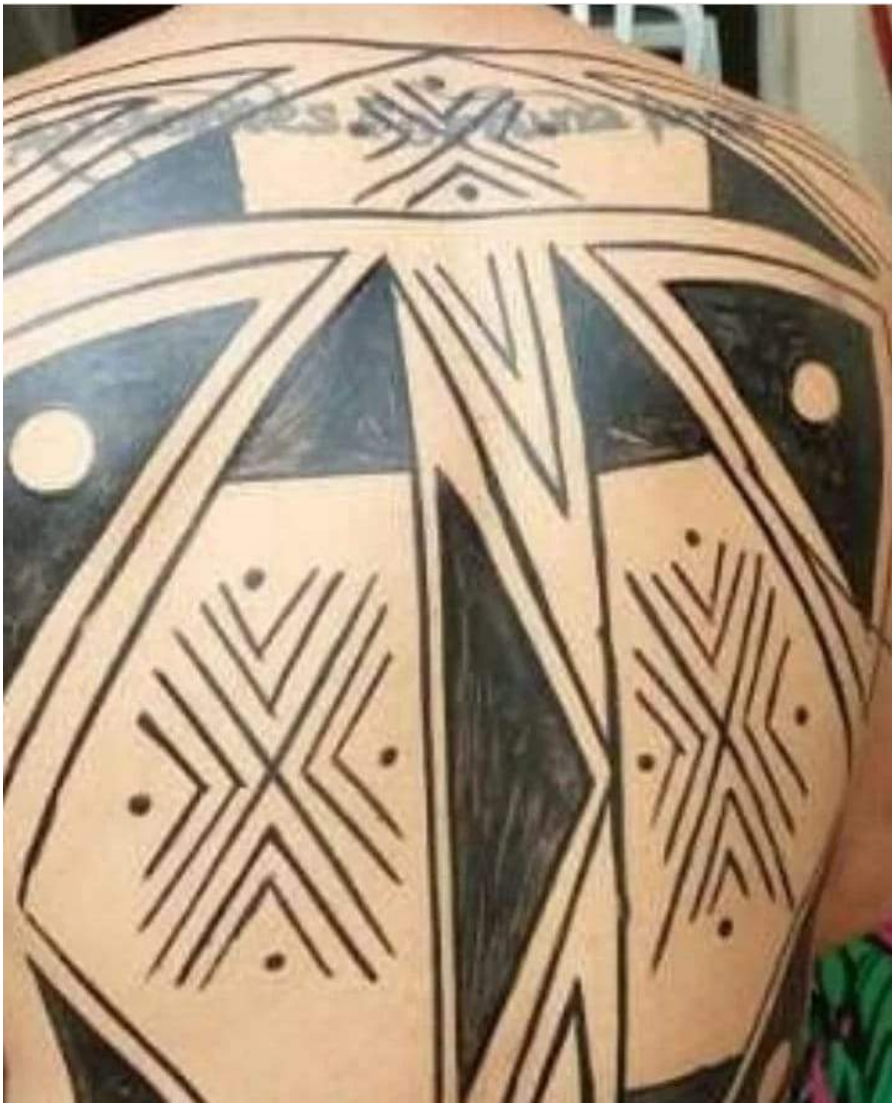

Fig 03

Fig 04

Valéria - Qual é sua jornada de produção artística até o momento? Como ela se deu?

Pacary - Hoje eu trabalho com artesanato e levo para as escolas o conhecimento tradicional do nosso povo, mas antigamente eu trabalhava só com a agricultura. Como praticamente agora vivo no Rio de Janeiro, levo essa cultura para as escolas através de uma lei.

Fig 05

Valéria - Como você enxerga a separação imposta entre o que é considerado arte e o que é considerado artesanato?

Pacary - A arte é feita através dos grafismos com tintas de pigmentos naturais, extraídos do jenipapo ou do urucum, no corpo e o artesanato é feito com sementes e com madeiras. Alguns grafismos também são feitos em telas por alguns artistas indígenas com significados diferentes.

Fig 06

Fig 07

Valéria - Quando vocês estão nas aldeias onde vocês recolhem o material utilizado em suas peças?

Pacary - Algumas sementes são naturais da floresta e outras são plantadas, ajudando assim no reflorestamento. As penas são colhidas nos ninhos, os papagaios e as araras ficam neles aproximadamente por três meses deitados e soltam muitas penas. Se não derrubarem as árvores, todos os anos elas vem e fazem o ninho no mesmo local, então fazemos o monitoramento na floresta e com isso sabemos onde tem vários ninhos e colhemos as penas para fazermos os nossos cocares.
O coco usado para fazer o *maracá* com grafismos é o verde, esses que são vendidos nas praias, fazemos o reaproveitamento transformando em arte.

Fig 08

Valéria - Morando aqui no centro da cidade como vocês se organizam para produzirem suas artes sendo de etnias diferentes?

Pacary - Cada um se organiza da sua forma, como moro aqui na cidade em apartamento faço meu trabalho no corredor ou dentro do apartamento. Encontrei um jeito de me organizar e consigo fazer minha arte. Trabalho mais com os apitos que são para imitar os pássaros e alguns animais, outras artes vêm prontas das aldeias porque nem sempre a gente consegue produzir tudo aqui.
Minha aldeia é a Barra Velha que é conhecida como a Aldeia Mãe no sul da Bahia, mas tem pataxós vivendo em Paraty e em Minas Gerais.

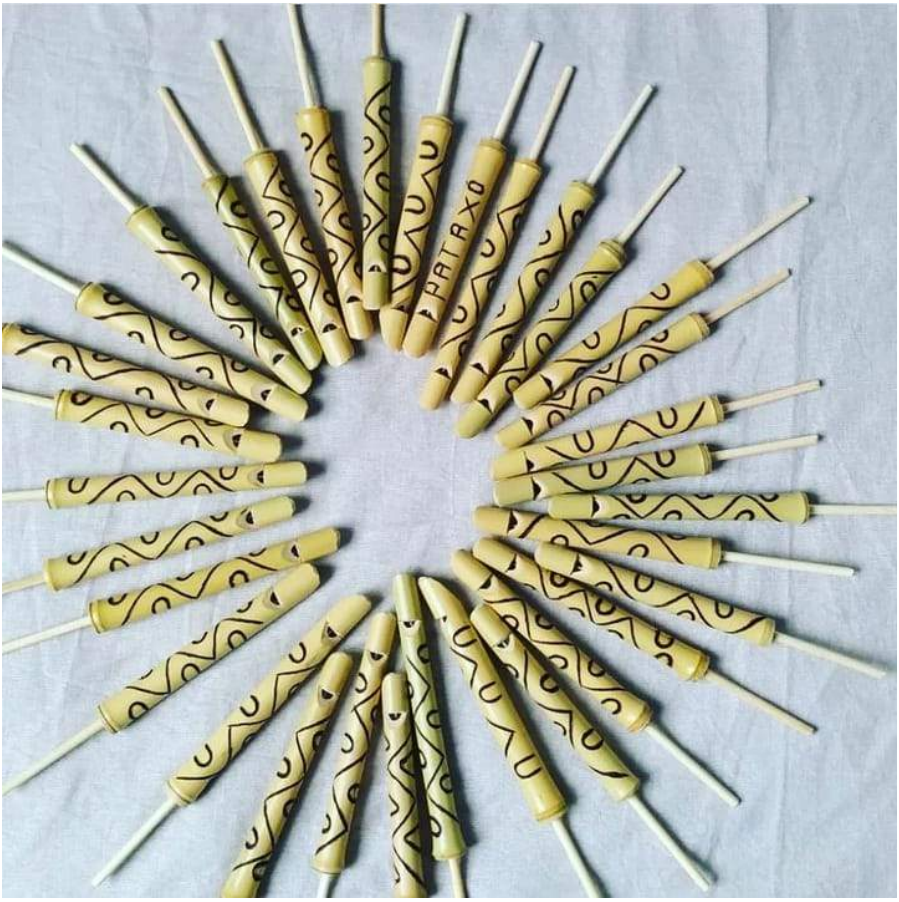

Fig 09

Fig 10

Valéria - Como está sendo vista a arte indígena dentro das instituições museológicas?

Pacary - Nós não temos um espaço é o que a gente está buscando para podermos mostrar o nosso trabalho. Nessa praça Luís de Camões acontece essa feira que nós demos o nome de *Urussumirim Karioka* porque aqui tem uma história do povo Tupinambá. E é onde nós buscamos uma referência para que as pessoas possam encontrar o indígena e que ele possa estar falando por si. Porque nós não temos um local, mesmo num museu, e quando tem não falam a verdadeira história do povo indígena no Brasil.

Fig 11

Valéria - Quais as dificuldades encontradas no acesso às exposições em galerias?

Pacary - Muitas pessoas olham o nosso trabalho como inferior e ele, não só o artesanato, tem uma história milenar que busca o passado do nosso povo. A gente procura resgatar a história do povo brasileiro através da arte, do artesanato e dos grafismos.
No Brasil são 305 etnias, são faladas 247 línguas diferentes, eram muito mais, mas com o passar do tempo foram deixando de existir porque nossa cultura foi sendo dizimada.

Fig 12

Valéria - Quais as suas perspectivas para o futuro em relação à ocupação e presença nesses espaços institucionais?

Pacary - Essa é uma forma de mostrarmos para o nosso país que a verdadeira cultura brasileira está viva, desde 1500 até hoje não conseguiram dizimar o nosso povo e não será agora em pleno século XXI que deixaremos de existir. É através da nossa luta buscando os nossos direitos de plantar, de viver em paz, em harmonia com o nosso povo, com a nossa família que temos força para seguir e mostrar para essa sociedade que a gente tem muito o que contribuir com essa sabedoria milenar que é muito rica.

Fig 13

Valéria - Desde 2008 temos uma lei que estabelece o ensino da cultura indígena nas escolas, ou seja, há 14 anos. Mesmo assim, como podemos explicar a falta de conhecimento da cultura indígena até hoje mesmo entre os adultos?

Pacary - A lei 11.645 é um decreto que nos dá permissão de nós falarmos da cultura indígena nas escolas, porém não temos o apoio do governo nem das prefeituras. São as escolas que conhecem um pouco do nosso trabalho que nos convidam e nos apoiam. Pessoas que respeitam a nossa cultura nos convidam para levarmos esse conhecimento que é tão gratificante podermos compartilhar com os alunos e ver que eles ficam satisfeitos com a nossa presença naquele local.

Valéria - Na sua opinião, porque é importante ensinar a cultura indígena nas escolas não indígenas?

Pacary - Porque muitas pessoas não têm o conhecimento da cultura indígena por falta de oportunidade. Para um estudante ir até uma aldeia indígena o acesso é muito difícil, então por que não aproveitar essa oportunidade do indígena aqui na cidade?
O indígena hoje quer falar por si porque há muitos anos atrás ele era tutelado, uma pessoa falava por ele. Nós queremos falar, termos direito de voz, de nos expressarmos da forma que nos sentimos a vontade, porque só nós sabemos quais são as nossas necessidades, por isso é importante levarmos esses ensinamentos às escolas.

Valéria - Você faz um trabalho de ensinar sua cultura em escolas indígenas e não indígenas sem apoio financeiro do governo. Que atitude você espera que o governo tome para incentivar o indígena a propagar sua cultura?

Pacary - Na verdade o que nós queremos é respeito, nada mais do que isso, porque é muito triste em pleno século XXI a sociedade ainda ver o indígena como inferior, como incapaz. A gente tem conhecimento, tem capacidade, é lamentável ver que a discriminação ainda é muito grande. Os indígenas são seres humanos como qualquer um, que tem o direito de ter tudo que todos têm, mas sem nunca deixar de ser o que é, pessoas que querem o bem e que tem muito o que contribuir para essa sociedade.

Braços
Barra Velha, Aldeia-Mãe
Outras aldeias Pataxó
txôpay nosso protetor
Símbolo Feminino
Equilíbrio, amor
e proteção
Símbolo Masculino
Força, união
e proteção
Símbolo de
Compromisso
entre um homem
e uma mulher

Índice de Imagens

Fig 01 - Pacary Pataxó
Fig 02 - Maracá para ritual
Fig 03 - Arte Pacary Pataxó
Fig 04 - Força da floresta
Fig 05 - Feira Urussumirim Karioka na Praça Luís de Camões, Glória - RJ
Fig 06 - Jenipapos
Fig 07 - Arte Pacary Pataxó
Fig 08 - Maracás
Fig 09 - Apitos
Fig 10 - Produção de apitos
Fig 11 - Feira Urussumirim Karioka
Fig 12 - Cachimbo, xanduca, timbero, ou pytengua, entre outros nomes é um elemento sagrado para os povos indígenas, utilizado como forma de proteção.
Fig 13 - Arte Pacary Pataxó

Imagens retiradas do Instagram do indígena @pacarypataxo, contato (73) 9855-0285.
Fonte de pesquisa - https://pib.socioambiental.org

Douglas Jr

Valéria Leão